



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**LUTA E CONQUISTA DE ESPAÇO E REPRESENTATIVIDADE: UMA  
ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO MOVIMENTO DE MULHERES DA  
PRIMAVERA, DE GUARAPUAVA-PR**

Morgani Guzzo\*

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira\*\*

Alguns espaços públicos foram, historicamente, constituídos como identificadores de masculinidades. A política partidária é um desses espaços em que as mulheres, com árduo esforço e luta, vêm conquistando lentamente seu lugar, ampliando, por meio de sua inserção nesse âmbito, as discussões a respeito das identidades de gênero e das representações construídas sobre as mulheres. Ao alcançar o âmbito político partidário, a atuação de algumas mulheres torna possível a transformação da sociedade em direção à equidade de gênero, aumentando a visibilidade de algumas questões polêmicas e historicamente silenciadas, como a violência contra as mulheres, por exemplo.

A experiência vivida pelas mulheres de um movimento social organizado em torno da Igreja Católica possibilita reconhecer os espaços pré-determinados às mulheres de classes sociais populares na cidade de Guarapuava/PR. Ainda ancoradas em espaços

\* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela mesma universidade. E-mail: [morganiguzzo@gmail.com](mailto:morganiguzzo@gmail.com)

\*\* Pós-doutora pela UFRJ, professora associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro-PR). Orientadora da pesquisa. E-mail: [nincia@unicentro.br](mailto:nincia@unicentro.br).

socialmente construídos como sendo “de mulher” – esposas, mães, donas-de-casa -, as mulheres do *Movimento de Mulheres da Primavera* alcançaram o empoderamento ao realizarem estudos sobre gênero e a participação das mulheres na política dentro das reuniões periódicas do movimento. Sua atuação, a partir dessa formação, fez toda a diferença nos rumos do movimento de mulheres, assim como na luta pelo enfrentamento à violência contra as mulheres na cidade e região.

Ao realizar um estudo sobre a inserção de mulheres do *Movimento de Mulheres da Primavera* na política partidária, evidenciamos a grande desigualdade de gênero que ainda persiste na sociedade guarapuavana, assim como a importância da organização social das mulheres do Bairro Primavera para que a realidade local pudesse ser alterada. A partir da inserção de uma militante do movimento na política partidária, tornou-se possível criar e articular políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres na cidade que é a 96ª colocada no índice de homicídios de mulheres do Mapa da Violência de 2012 (WAISELFSZ, 2012). Ao mesmo tempo, a discussão em torno da desigualdade de gênero – que é fator determinante para a violência – e dos espaços ocupados pelas mulheres na sociedade guarapuavana ganhou visibilidade, principalmente a partir de campanhas e ações conjuntas entre poder público e entidades da sociedade civil.

Assim, este artigo tem como objetivo abordar o desenvolvimento do *Movimento de Mulheres da Primavera* em torno de uma das bandeiras do movimento, a “Mais mulheres na Política”. Com base nas teorias de gênero e na história das mulheres, elucidamos as desconstruções e conquistas alcançadas pelo movimento dentro da sociedade guarapuavana, assim como a importância de sua atuação no enfrentamento à violência contra as mulheres na cidade. A partir da observação participante e da coleta de entrevistas, conseguimos formular um breve relato sobre esse processo de empoderamento e alcance de visibilidade do Movimento.

## **1 - MOVIMENTO DE MULHERES DA PRIMAVERA: DA IGREJA PARA A POLÍTICA PARTIDÁRIA**

Guarapuava é uma cidade localizada no Centro-Sul paranaense e tem cerca de 170 mil habitantes. Sua população é formada por descendentes das mais diferentes raças e etnias, incluindo a presença marcante de descendentes de imigrantes europeus, tais como alemães, italianos, ucranianos, poloneses, entre outros. Sua tradição religiosa é

majoritariamente católica e a construção social em torno da religião é fator preponderante para compreender a questão cultural e as dificuldades em desconstruir sentidos sobre gênero e papéis de homens e mulheres na sociedade.

Devido ao intenso envolvimento com a Igreja Católica, algumas mulheres do Bairro Primavera – bairro que se localiza numa extremidade da cidade, entre a BR 277 e a PR 147 -, organizaram, em 2004, a *1ª Romaria da Mulher*, uma ação em lembrança ao Dia Internacional da Mulher, que objetivou questionar o real significado do dia 08 de Março: um dia de luta, em que a sociedade lembra a morte de muitas mulheres por diretos - e não um dia utilizado como mote publicitário para vender presentes e reproduzir significados sobre as mulheres ligados à beleza, sensibilidade, leveza, delicadeza, maternidade, caridade, entre outros.

Ao realizar a primeira romaria, as mulheres começaram a organizar reuniões periódicas para discutir temas para outras romarias e, também, estudar aspectos sociais que estavam ligados às dificuldades enfrentadas pelas mulheres do bairro: falta de creches, de obras e equipamentos públicos; representação das mulheres na sociedade; participação das mulheres na política partidária; emancipação econômica e social das mulheres; enfrentamento à violência.

A partir das reuniões quinzenais, as mulheres do Bairro Primavera fundaram o *Movimento de Mulheres da Primavera*. A formação dentro do movimento, com pesquisas e artigos científicos sobre a participação e os papéis das mulheres na sociedade, assim como sobre a desigualdade de gênero (SCOTT, 1995), possibilitou, ao longo de dez anos, o empoderamento dessas mulheres. Entre as conquistas pessoais, constata-se o retorno de muitas delas ao estudo, algumas iniciaram uma faculdade, outras saíram de relações violentas e todas, sem exceção, contam sobre a importância de se reconhecerem como sujeitos políticos, sujeitos de direitos.

A luta das mulheres perpassa pela quebra e desconstrução das representações e estereótipos de gênero repassados de geração a geração, transmitidos nos processos de socialização, especialmente no âmbito das famílias. Como aponta Sandra Maria Nascimento Sousa (2007), ainda nos anos 1950, no Brasil, é possível reconhecer, a partir dos registros de nossa história, as mulheres sendo representadas como o sexo frágil, frequentemente assumindo o papel de “esposa/mãe”, sendo seu lugar de realização o lar, sua conduta moral polarizada entre a santa e a pecadora.

Nos estudos de gênero, assim como nos movimentos de mulheres e movimentos feministas, uma desconstrução que é necessária ser feita é na cartografia que tem sido constante na história das mulheres no interior da sociedade burguesa ocidental: a definição de esferas separadas para as atividades de homens e de mulheres. Segundo Michelle Perrot (2008), a diferenciação entre os papéis e os lugares ocupados por mulheres e homens nas mais diferentes sociedades foi – e muitas vezes ainda é – uma imposição em diversos contextos sociais, desde tempos remotos. Esta delimitação de papéis e espaços é resultado de uma relação de poder.

De acordo com a professora Joana Maria Pedro (2000), nessa definição, a esfera privada tem sido pensada como o lugar das mulheres, mais especialmente a esfera íntima familiar, enquanto a esfera pública é desenhada como lugar dos homens, incluindo o setor público. “[...] a domesticidade, atribuída às mulheres encerradas na esfera privada, vinha acompanhada de virtudes como piedade, pureza e submissão. Assim, além de um lugar definido para as mulheres, atribuíam-se a elas virtudes emanadas deste espaço” (PEDRO, 2000, p. 34).

A partir dos anos 1980, surge uma nova forma de fazer política, fora dos setores tradicionais ligados aos partidos políticos: os chamados *novos movimentos sociais*. Nestes, entram em cena *novos personagens*, entre eles as mulheres – tanto de setores médios quanto populares –, que emergiam no interior da luta por direitos individuais violentados, muitas vezes, pelas ditaduras que se espalhavam pela América Latina (PEDRO, 2000).

É a partir desses espaços que muitas mulheres conseguem inserir suas demandas e ocupar o espaço público, chegando, muitas vezes, a se candidatarem em cargos político partidários. É na luta por direitos e pela desconstrução de estereótipos de gênero que as mulheres se fortalecem e encontram novas formas de atuar no mundo, como é o caso das militantes e da luta do *Movimento de Mulheres da Primavera*.

As bandeiras desenvolvidas pelo movimento levam em conta três eixos: o enfrentamento à violência contra as mulheres, a emancipação econômico-social e a inserção de mais mulheres na política. Visivelmente, os três eixos se inter-relacionam e as ações do movimento levam em conta a conquista concomitante de avanços nos três aspectos.

Um deles é a inserção de mulheres na política partidária que, a partir do Projeto pelo Bem Comum, desenvolvido pela Diocese de Guarapuava, tornou-se possível. De acordo com Eva Schran de Lima & Priscila Schran de Lima (2013), este projeto tinha como objetivo capacitar cristãos leigos e leigas para que pudessem concorrer a cargos públicos na Prefeitura de Guarapuava. A formação política realizada dentro do projeto possibilitou não só a capacitação de futuros líderes comunitários ou candidatos políticos, mas também teve extrema importância na formação de eleitores mais conscientes do papel do voto numa sociedade democrática.

O estímulo de um dos padres da comunidade - Pe. Sercio Ribeiro Catafesta -, que investiu em formação bíblica, eclesiológica, cristológica e política, foi importante para despertar o comprometimento político e cristão de seus paroquianos.

Foi um período de muito envolvimento na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, as formações eram voltadas para a Doutrina Social da Igreja, opção preferencial pelos pobres, Comunidades Eclesiais de Base e movimentos sociais. Foi uma ebulição de pessoas querendo envolver-se. (LIMA & LIMA, 2013, p. 226).

Segundo Lima & Lima (2013), o pensamento político das lideranças da comunidade foi amadurecendo, resultando em um regulamento do projeto político, contendo alguns princípios para a ação. O cumprimento desse regulamento tornou-se condição básica para o interessado concorrer ao plebiscito para a escolha do representante do bairro para as eleições.

O primeiro plebiscito que escolheu o representante do Projeto pelo Bem Comum do bairro Primavera nas eleições para vereador de Guarapuava ocorreu em 2004. Objetivando a união no bairro, a escolha do candidato foi feita entre as pastorais e na celebração da missa na Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Mesmo sem a vitória naquela eleição, o projeto continuou forte e, em 2008, as mulheres do *Movimento de Mulheres da Primavera* viram a oportunidade de adentrarem nos espaços da política partidária.

De acordo com Lima & Lima (2013), nas eleições municipais de 2008, havia quatro homens interessados em serem candidatos a vereador pelo Bairro Primavera. No entanto, as mulheres leigas cristãs envolvidas na Romaria da Mulher, questionaram por que não havia mulheres com vontade política. Assim, convidaram uma das integrantes do movimento, com experiência em liderança dentro da paróquia, Eva Schran de Lima, para

concorrer ao plebiscito que escolheria a pessoa que representaria a comunidade nas eleições.

Com a vitória no plebiscito, a definição pela filiação da candidata ao Partido Humanista da Solidariedade (PHS) também foi tomada de forma coletiva e “[...] se deu por este partido não ter envolvimento com os políticos da velha cultura política e por terem valores cristãos” (LIMA & LIMA, 2013, p. 228). A organização dos rumos da campanha foram tarefas feitas coletivamente, com o grupo de mulheres. As mulheres do movimento lembram esse processo como um dos maiores passos dados pelo Movimento de Mulheres. O desconhecimento sobre as regras de uma campanha política, a dificuldade da campanha e, até mesmo, o fato de estarem tentando eleger uma mulher de um bairro periférico que, além de tudo, não tinha nenhuma ligação com as famílias de tradição política da cidade, foram apontados como os principais desafios. No entanto, tratava-se de um processo importante na luta por emancipação e visibilidade.

O resultado das eleições foi a vitória da candidata do Projeto pelo Bem Comum e representante do *Movimento de Mulheres da Primavera*, com 1.851 votos. Eva Schran de Lima foi a sétima mulher eleita vereadora na cidade de Guarapuava em 190 anos.

A vitória nas eleições de 2008 ampliou a visibilidade do movimento e deu mais “corpo” para as ações, segundo as mulheres entrevistadas. Além da Romaria que é realizada todos os anos desde 2004, as atividades de capacitação para mulheres da cidade e região e os cursos ofertados gratuitamente, outras bandeiras políticas e sociais foram sendo desenvolvidas pelo *Movimento de Mulheres da Primavera*. A questão da identidade social de cada uma das mulheres precisou ser trabalhada dentro das reuniões, a história sobre as lutas feministas e dos movimentos de mulheres também fez parte da base para que as mulheres envolvidas no movimento tivessem, cada vez mais, consciência do papel a ser desempenhado na sociedade.

## **2 VISIBILIDADE, LUTA POLÍTICA E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA**

A luta por mais mulheres na política foi a principal causa do fortalecimento do *Movimento e Mulheres da Primavera* em Guarapuava. Porém, devido à estrutura da política partidária e ao conservadorismo da cidade, somente a inserção de uma militante do movimento na Câmara dos Vereadores não possibilitou a inserção de maneira definitiva da questão da violência e do debate de gênero nos espaços políticos.

Mesmo defendendo os interesses das mulheres e da população em geral, a representante do *Movimento de Mulheres da Primavera* na Câmara de Vereadores de Guarapuava conta que teve muitas dificuldades no período em que exerceu o cargo. A clara divisão entre situação e oposição entre os vereadores impossibilitou que muitas emendas e projetos defendidos por ela não tivessem vez.

Eu era vereadora de oposição e a maioria da Câmara era situação. Tanto que quando eu apresentava emenda para que recursos para as creches ou para o Conselho Tutelar, porque na época o Conselho era muito mal instalado, era na rodoviária, não tinha carro, não tinha computador. E eu apresentava emendas, que era o único momento que a vereadora podia interferir nesse caso aí, da parte de recursos, nunca era aprovado, porque eu era voto vencido. Eles até diziam que era bom, mas não tinha votos suficientes. [...] A minha experiência na Câmara foi boa no sentido assim que deu espaço para as mulheres, dar visibilidade para o movimento, foi assim, nós conseguimos fazer um trabalho bom de ir para os bairros, um trabalho de consciência política, de ir despertando o pessoal para participar mais na política, mas nessa questão partidária era muito triste, porque não interessava o bem maior, interessava é a fulana que entrou com o projeto... Foi uma das maiores dores para mim, que eu não queria mais saber, era isso: como pode o bem maior não prevalecer, a gente é eleito pelo povo, é trabalhador do povo e tem que estar a serviço... e isso emperrava qualquer coisa. (LIMA, Eva Schran de. Entrevista 6 [jul. 2014] Entrevistadora: Morgani Guzzo. Guarapuava, 2014).

Apesar das dificuldades, a atuação de Eva Schran de Lima na política fortaleceu as mulheres ligadas ao *Movimento de Mulheres da Primavera*. Além das discussões sobre política partidária realizadas nas reuniões, palestras e encontros sobre voto consciente etc., a conquista da candidata do Movimento ao cargo de vereadora em 2008 deu visibilidade a uma das principais bandeiras de luta do Movimento: o enfrentamento à violência contra as mulheres. Com a ajuda do mandato de Eva Schran de Lima, as mulheres do movimento conseguiram agendar a pauta da violência na cidade de Guarapuava: ao organizarem algumas ações – marchas e campanhas -, o alto índice de feminicídios na cidade se tornou notícia e gerou repercussão nos veículos jornalísticos e na sociedade local.

Além da *Romaria da Mulher*, que é organizada todos os anos pelo movimento, em março (em comemoração ao Dia Internacional da Mulher), o *Movimento de Mulheres da Primavera* chamou a atenção da comunidade guarapuavana ao organizar, em 2012, a *Marcha das Vadias* de Guarapuava. A primeira *Marcha das Vadias* (*SlutWalk*, no original, em inglês) ocorreu em 2011, em Toronto, no Canadá, após um policial canadense

relacionar os altos índices de assédio com a roupa que as moças/mulheres usavam. A lógica de culpabilização da vítima foi rechaçada pela comunidade universitária e o primeiro protesto levou mais de três mil pessoas às ruas de Toronto<sup>1</sup>. A Marcha ocorre anualmente em várias cidades do mundo. No Brasil, ganhou grande repercussão nos veículos jornalísticos e na sociedade civil em geral, principalmente, devido ao uso de poucas ou sensuais roupas pelas mulheres durante a manifestação. Segundo a lógica do protesto, não é a roupa ou o comportamento das mulheres que levam ao estupro, mas sim a cultura sexista e violenta para as mulheres. As manifestações denunciam os índices de violência, exigindo igualdade de gênero, respeito e políticas de enfrentamento à violência.

Em Guarapuava, a *Marcha das Vadias* realizada em 23 de junho de 2012 chamou muita atenção da comunidade, principalmente pelo nome: “vadias”. Dezenas de pessoas foram às ruas, com os corpos pintados, carregando cartazes e denunciando os altos índices de violência contra a mulher na cidade. No blog do *Movimento de Mulheres da Primavera*, o texto “Marcha das Vadias em Guarapuava” conta quais foram as principais reivindicações da manifestação, organizadas em quatro paradas durante a marcha: 1) pela educação não machista e inclusão da história das lutas das mulheres nos planos de estudos municipais; 2) pelo fim dos assassinatos de mulheres e homossexuais na cidade, quando foi lembrada a morte de treze pessoas assassinadas na cidade; 3) por políticas públicas para as mulheres, com a construção da Casa Abrigo em Guarapuava, contratação de delegada na Delegacia da Mulher e o lançamento de um abaixo-assinado pela criação da Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres; e 4) reflexão sobre a mercantilização do corpo das mulheres e os padrões impostos a seus corpos<sup>2</sup>.

No mesmo ano da *1ª Marcha das Vadias de Guarapuava*, o *Movimento de Mulheres da Primavera* organizou, também pela primeira vez, a *Campanha dos 16 Dias de Ativismo contra a Violência de Gênero*<sup>3</sup>. Esta campanha foi criada em 1991, quando mulheres de diferentes países, reunidas pelo Centro de Liderança Global de Mulheres

<sup>1</sup> A Marcha de Toronto possui um site que pode ser acessado pelo link: <http://www.slutwalktoronto.com>. Acesso em nov.2013.

<sup>2</sup> <http://mulheresdaprimavera.blogspot.com.br/2012/06/marcha-das-vadias-em-guarapuava.html>

<sup>3</sup> Há algumas distorções no nome da campanha, dependendo da fonte consultada. Já vimos “Campanha dos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência de Gênero”; “Campanha dos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres”; “Campanha 16 Dias de Ativismo contra a violência de gênero”; ou “Campanha dos 16 Dias de Ativismo contra a Violência à Mulher”; para padronizar, escolhemos sempre usar “Campanha dos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência de Gênero”, sobre a qual nos referiremos, também, como “Campanha dos 16 Dias”.



(Center for Women's Global Leadership – CWGL), lançaram a campanha com o objetivo de promover o debate e denunciar as várias formas de violência contra as mulheres no mundo. As participantes escolheram um período de significativas datas históricas, marcos de luta das mulheres, iniciando a abertura da Campanha no dia 25 de novembro - Dia Internacional de Não Violência contra as Mulheres - e finalizando no dia 10 de novembro – Dia Internacional dos Direitos Humanos. Atualmente, a Campanha é realizada em mais de 150 países em todo o mundo, inclusive no Brasil, apesar de uma pequena diferença nas datas: aqui o início da Campanha foi antecipada para o dia 20 de novembro – Dia da Consciência Negra –, terminando no dia 5 de dezembro (quando completa os 16 dias) ou no dia 10 de dezembro, após 20 dias, dependendo da organização da campanha em cada local.

Em Guarapuava, a *Campanha dos 16 Dias* realizada em 2012 compreendeu diversas atividades e chamou a atenção para a questão da violência de gênero na cidade. Essa foi, de acordo com as militantes do *Movimento de Mulheres da Primavera*, a força motriz para a efetivação da Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres, além de angariar espaços e visibilidade para as demandas das mulheres representadas pelo *Movimento de Mulheres da Primavera*.

Apesar do caráter conservador da cidade, há alguns anos os veículos jornalísticos têm como pauta os movimentos sociais, sindicatos e, até mesmo as discussões realizadas dentro das Faculdades e Universidade locais, principalmente quando o assunto é de interesse público ou quando os movimentos são bem organizados e envolvem grande parcela da população. A mobilização da *Campanha dos 16 Dias* na cidade chamou a atenção dos veículos jornalísticos, tanto locais quanto estaduais. A cobertura realizada pelo jornal impresso local, o *Diário de Guarapuava*<sup>4</sup> dá uma dimensão do alcance que a Campanha teve na sociedade. Durante os dezesseis dias, foram diversas reportagens sobre as atividades da campanha, além da publicação da programação na seção “Fragmentos” da editoria Cidade e três chamadas na capa: uma no dia 20 de novembro, dia do início da Campanha; outra no dia 23 de novembro, sobre o abaixo-assinado pedindo uma delegada titular para a Delegacia da Mulher da cidade; e outra no dia 27 de novembro de 2012, sobre a Caminhada do dia 25, Dia Internacional de Não Violência contra as Mulheres. O

<sup>4</sup> Único jornal impresso de periodicidade diária na cidade de Guarapuava na época. O Diário de Guarapuava, no entanto, parou de circular no dia 31 de outubro de 2014.

jornal também dedicou editoriais para falar sobre a Campanha e o enfrentamento à violência e cedeu espaços para colunistas tratarem do assunto.

Em depoimento, Eva Schran de Lima lembra a influência que a realização da *Campanha dos 16 Dias* teve na sua carreira política. Durante a campanha das eleições municipais de 2012, a formação da chapa do então candidato a Prefeitura, César Silvestri Filho considerava convidar um político filiado ao PHS (Partido Humanista Solidário) para concorrer como vice-prefeito/a. Devido às dificuldades que Eva Schran de Lima havia passado como vereadora, ela estava determinada a não concorrer a um segundo mandato. Porém, as mulheres do *Movimento de Mulheres da Primavera* estavam convencidas de que Eva deveria continuar a representar as mulheres e o Bairro Primavera na política partidária e, assim, armaram uma estratégia para que ela continuasse atuando politicamente. Sem o conhecimento de Eva, elas contam que chamaram o candidato à Prefeitura para uma conversa: se ele fosse escolher algum político filiado ao PHS, teria que ser a Eva, caso contrário, não apoiariam a campanha.

A formação política das mulheres do movimento foi o que possibilitou que Eva Schran de Lima entrasse no Poder Executivo da cidade. Enfraquecida por uma experiência ruim no Legislativo, Eva conta que se não fosse a insistência e a persuasão das mulheres do movimento, muito possivelmente sua carreira política teria terminado em 2012.

Eu me lembro que eu não queria, eu não queria mais fazer política, porque eu sofri muito na Câmara [dos Vereadores]. Mas aí as meninas chegaram junto de novo. Elas assim, “desses quatro nomes [que o PHS tinha proposto para compor a chapa das eleições para Prefeito], se for para você escolher uma mulher, se for para escolher alguém do PHS, escolha a Eva”. Elas chamaram ele lá no bairro, elas estavam em umas quinze mulheres, eu tava em Curitiba, e elas chamaram e disseram pra ele isso. Aí ele falou: “Olha, eu estou vendo ainda, não sei quem que vai ser”. [...] Depois eu fiquei sabendo. Aí depois, quando ele me falou né, e eu, mesmo assim, não queria muito. Eu dizia “não, não vou”, e tal. Aí elas chegaram para mim e falaram assim: “Ó, nós discutimos e estudamos que nós precisamos de mais mulheres na política. Agora, se ele te chamar, você não pode amarelar, você tem que dizer sim”. Elas também me juntaram daí, né. [...] Aí eu tive que ir. (LIMA, Eva Schran de. Entrevista 6 [jul. 2014] Entrevistadora: Morgani Guzzo. Guarapuava, 2014).

Ao ser convidada, então, para fazer parte da chapa do candidato à Prefeitura César Silvestri Filho em 2012, Eva colocou uma condição: como mulher, defenderia os interesses das mulheres de Guarapuava. Devido ao alto número de registros de violência

e de mortes de mulheres na cidade, ela propôs a criação imediata da Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres, caso e assim que ganhassem a eleição.

A realização da *Campanha dos 16 Dias de Ativismo* de 2012 em Guarapuava conquistou espaços até mesmo em nível estadual. Segundo Eva (2014), a repercussão das atividades nos telejornais paranaenses chamou a atenção do Secretário de Segurança do Estado da época e pressionou que políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres pudessem acontecer na cidade.

Foi o que deu assim, ele [os 16 Dias] movimentou inclusive o Estado, porque nós pedimos, nós reclamávamos da situação da Delegacia da Mulher. Então foi feito, na Câmara dos Vereadores, uma mesa redonda com o Judiciário, o Executivo e o Legislativo. Então, os juízes, o pessoal do Legislativo, do Executivo. [...] Para a situação das mulheres no atendimento na Delegacia da Mulher. [...] Mas aí, quando deu todo esse fervor, o Secretário de Segurança do Estado ligou pro Delegado aqui e falou assim: “O que tá acontecendo aí, em Guarapuava?”. Por que daí os 16 Dias a RPC passava, e passou até em Curitiba, não foi só a nível local, os 16 Dias movimentou a imprensa toda. Aí ele queria saber o que estava acontecendo aqui em Guarapuava, que estava mudando assim, nesse sentido, mas foi bem bom. (LIMA, Eva Schran de. Entrevista 6 [jul. 2014] Entrevistadora: Morgani Guzzo. Guarapuava, 2014).

Enquanto vereadora, o projeto de Eva para a criação da Secretaria da Mulher jamais chegou a ser votado. No entanto, após a vitória nas eleições de 2012, finalmente a Secretaria de Políticas para as Mulheres de Guarapuava foi criada, em março de 2013.

Aí no final do ano o César [Silvestri Filho, prefeito de Guarapuava] me chamou e falou: “Eu tenho intenção de fazer a Secretaria da Mulher, mas só se você topa ser a secretária. Se você disser, é pra fulana, pra outro, pra outro, eu não vou criar, mas se for você, pra você...”. Aí eu falei: “não, é tudo o que eu queria, como eu ia dizer que não, eu e as mulheres”, aí foi. [...] (LIMA, Eva Schran de. Entrevista 6 [jul. 2014] Entrevistadora: Morgani Guzzo. Guarapuava, 2014).

Após a eleição de Eva Schran como vice-prefeita e a instituição da Secretaria de Políticas para as Mulheres de Guarapuava, a cidade não pode mais fechar os olhos para os altos índices de violência de gênero que ocorrem todos os anos. A violência, no entanto, é o resultado mais extremo de uma cultura sexista que coloca, em vários momentos e espaços, as mulheres em situações de submissão, preconceito e abuso.

De acordo com Maria Luisa Femenías (2009), o tema da violência contra as mulheres é muito mais complexo do que sugerem as hipóteses que consideram que é

resultado da pobreza, da classe social, de enfermidade mental, da etnia, da filiação política, preferência sexual, do álcool ou da religião. Tampouco parece proceder do caráter violento de um homem individual nem do próprio sistema social que legitima a reação de dominação e objetivização sexual das mulheres. Portanto, ela busca levantar fatores do tipo sociocultural que estão levando ao aumento da violência como estamos assistindo - uma questão tão importante que foi cunhado o termo “femicídio” para indicar o caráter sexista do genocídio das mulheres.

Femenías (2009) aponta como um dos possíveis fatores é o fato de que ainda há na sociedade um tipo de mística feminina ou de culto ao materno e ao feminino virginal, de modo que qualquer ruptura dessa ordem opera como ameaça à integridade masculina, sem uma estrutura binária de sexo-gênero. Ela considera, portanto, que está havendo uma redefinição e acomodamento funcional do patriarcado e não sua dissolução. “Pessoalmente, não creio que o patriarcado esteja morto, simplesmente trocou de roupas” (FEMENÍAS, 2009, p. 41, tradução nossa)<sup>5</sup>.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção de mulheres na política partidária é uma condição essencial para a conquista da equidade de gênero na sociedade. As mulheres, no entanto, devem ser formadas e atuar em direção a políticas públicas que permitam a desconstrução de valores sexistas, razão da violência contra as mulheres que, atualmente, é considerada uma epidemia mundial.

A inserção de uma militante do *Movimento de Mulheres da Primavera* na política partidária de Guarapuava – como vereadora e, depois, como vice-prefeita – tem trazido avanços para a esta sociedade. Se ainda não é possível pensar numa mudança cultural do sexismo e da submissão das mulheres nesse contexto, é necessário reconhecer que a atuação das mulheres tem estimulado o surgimento de novas reflexões sobre a violência contra as mulheres, de redes para o acompanhamento e/ou punição de agressores e de cursos de formação e fortalecimento de mulheres vítimas de violência,

# História Cultural

<sup>5</sup> “Personalmente, no creo que el patriarcado haya muerto, simplemente se cambia de ropas” (FEMENÍAS, 2009, p. 41)

objetivando sua emancipação financeira e emocional. Tal luta torna-se, portanto, essencial para a conquista de direitos para as mulheres em Guarapuava.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEMENÍAS, Maria Luisa. Cuerpo, poder y violencia: algunas intersecciones. In. TORNQUIST, C. S. [et. Al]. **Leituras de resistência: Corpo violência e poder**. Vol. 1. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009. pp. 25-47

LIMA, Priscila Schran de & LIMA, Eva Schran de. Projeto político pelo bem comum Guarapuava, PR – Priscila Schran de Lima e Eva Schran de Lima. In. PINHEIRO, José Ernane & ALVES, Antonio Aparecido (orgs.). **Os cristãos leigos no mundo da política à luz o Concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 2013, pp. 226-232.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. **Mulheres em movimento**: memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero, nos anos 1970 e 1980. São Luís: EDUFMA, 2007. 196p.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012** – Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO, 2012.



**História Cultural**